

O capitalismo é selvagem

André Gustavo Stumpf

O 5 MAR 1995

Em setembro de 1982, os principais assessores do então presidente João Baptista Figueiredo afirmavam que a crise cambial brasileira, que levava o país a pedir socorro ao Fundo Monetário Internacional, era passageira, circunstancial e brevíssima. Durou dez anos, liquidou o regime militar, acabou com as perspectivas dos candidatos civis daquele regime e colocou no poder o arquiniimigo, o PMDB de Tancredo e Ulysses. O resultado da falta de soluções adequadas teve sérias e devastadoras consequências políticas. Os militares que falavam de segurança e desenvolvimento passaram a conviver com insegurança, inflação e estagnação econômica. Essa foi a herança dos governos que os sucederam.

Com economia não se brinca. Aliás, assunto econômico são tão sérios que não devem ser tratados por economistas. Eles, quando em funções de governo, costumam ser brincalhões. Os exemplos brasileiros são trágicos: Dilson Funaro fez um plano cruzado e saiu pelo mundo tentando vender a imagem do país que tinha o desenvolvimento do Japão e a inflação da Suíça. Deu tudo errado. Bresser Pereira fez um

plano que terminou por colocá-lo na delicada posição de réu em milhares de processos contra a União originários de pessoas que se sentiram lesadas pela fórmula encontrada pelo então ministro da Fazenda.

Maílson da Nóbrega deixou o governo com a inflação de 100% ao mês e uma dúvida crucial: estaria o Brasil já vivendo uma hiperinflação? Ele sustentava que não. Zélia Cardoso de Mello meteu a mão no bolso do cidadão sem a menor cerimônia. Decretou que os brasileiros só poderiam ter cinquenta cruzeiros, em suas contas bancárias. Confiscou o resto, num exemplar modelo de capitalismo às avessas. O capitalismo sem capital. O salário sem dinheiro. Chegou a sugerir que os rendimentos do trabalho assalariado fossem pagos em prestações. Brincadeiras, loucuras e delírios praticados no vasto campo de experimentos para modelos construídos dentro de salas de aula.

Agora, de novo, o Brasil está diante de uma situação séria, que se não for tratada adequadamente vai gerar consequências políticas de longo prazo e retardar, por mais uma geração, a retomada do desenvolvimento. Os problemas financeiros

revelados pelo governo argentino, durante o Carnaval, demonstram que a fórmula neoliberal é falha e enganosa. Alguns aspectos negativos dessa teoria são facilmente identificáveis, outros, não. É claro que a taxa de câmbio facilita importações e dificulta exportações. O país gasta mais do que recebe e sua balança de pagamentos entra em colapso. Vem a crise cambial.

O México explodiu. O coquetel de atos e procedimentos que conduziram à falência aquele país é abrangente. O fato é que eles ficaram sem caixa. Os argentinos há alguns anos vêm brincando com o câmbio. Perderam sua indústria que não tem mais capacidade de competir e se tornou, em grande parte, obsoleta. O Brasil já perdeu muito tempo. Continua prisioneiro de sua mania verbalizar os problemas em vez de solucioná-los. Desde a promulgação da Constituição de 1988, políticos e empresários discutem o que deve ser modificado naquele texto. O tempo passa e nada acontece. Os governos produzem expectativas, não encontram soluções. Terminam gerando frustrações.

Já é possível perceber que os famosos investimentos estrangeiros

não são tão fartos, nem tão generosos, como afirmam os arautos das mudanças. O México, que é vizinho, de porta dos Estados Unidos, recebeu uma injeção maciça de dólares. Ou deveria ter recebido. Sua atual situação de penúria e estreita dependência do governo de Washington (até a renda do petróleo mexicano foi hipotecada) mostra a verdade. O país, que era apontado como exemplo do neoliberalismo, está falido.

A Argentina praticou a mesma fórmula e privatizou tudo o que podia. Não tem mais o que vender. Foi obrigada a cortar salários de funcionários do Estado em até 20% e decretar o choque fiscal, que, em verdade, é um brutal aumento de impostos. É tempo de os brasileiros perceberem que o neoliberalismo não é novo, nem liberal. E que o capitalismo é selvagem. A gente que está no poder começou oprimido pelos governos militares e foi depois, massacrada pelo autoritarismo dos economistas. Está, agora, na posição de fazer da política a arte de escolher a saída e se antecipar aos problemas que já estão na fronteira. Foi daí é a crise e suas devastadoras consequências políticas.